

POESIA, JUVENTUDE E TERRITÓRIO: A (RE)CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS A PARTIR DA OCUPAÇÃO DA POESIA MARGINAL

Carolaine Matias Souto ¹
Flávia Magalhães Barroso ²

RESUMO

Este artigo analisa como a poesia marginal desafia a ordem policial e o silenciamento, reconstruindo territórios por meio da ressignificação de espaços urbanos. Para isso, foram escolhidos três vídeos de performances poéticas dos artistas Marvi, KRIKA e WJ, publicados no canal do YouTube da produtora Grito Filmes. A análise baseia-se nos conceitos de Jacques Rancière (2010) e Grada Kilomba (2019), visando refletir sobre os limites sociais impostos à população negra periférica. Desse modo, a literatura marginal se apresenta como um instrumento de resistência e transformação política, utilizando-se da ocupação dos territórios e também dos meios digitais para impulsionar esses discursos.

Palavras-chave: Poesia Marginal, Ordem Policial, Território, Corpos Dissidentes.

INTRODUÇÃO

A escrita poética, realizada na periferia e por povos marginalizados, ganhou maior força na última década a partir da chegada do *Poetry Slam* no Brasil, em 2008. Iniciando com o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) em São Paulo, idealizado por Estrela D'alva, a poesia encontrou potência no público marginalizado. Para confrontar a ideia elitista de que poetas estavam restritos aos grandes centros e aos espaços acadêmicos, a poesia marginal democratiza o acesso a essa modalidade literária. Como apontado por D'Alva (2011), "O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não)." [D'alva, 2011, p.125]

As apresentações e competições de poesias faladas, em sua maioria, são realizadas em espaços públicos. Conforme demonstrado nos estudos de Gonçalves e Nercolini (2018), "ocupar as ruas e praças com arte é intervir na dinâmica da vida da cidade, recusar a

¹ Graduanda do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, carolmattias79@gmail.com;

² Foi professora substituta da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES. É doutora e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UERJ);

individualização e a passividade diante das políticas impostas ao cidadão” (p.38). Desse modo, os jovens marginalizados se apropriam dos espaços urbanos e da poesia para exercerem a liberdade artística, para combate e reivindicação, como compartilhamento de ideias e afetos.

Diante do contexto de opressão social e racial enfrentado pelas populações negras e periféricas, há uma urgência em estudar como essas manifestações artísticas contribuem para a contestação das normas impostas e para a construção de novos sentidos de pertencimento. A análise de performances poéticas em vídeos publicados pela produtora independente Grito Filmes, que trazem artistas como Marvi, KRIKA e WJ, permitirá entender como esses jovens negros ocupam espaços urbanos e projetam suas narrativas políticas e sociais, configurando a poesia como ato de resistência e transformação.

Os cliques escolhidos foram publicados entre os anos de 2022 e 2023, e o cenário em comum dessas obras é a ocupação da juventude negra nos espaços urbanos com poesias de cunho político-social. Pretende-se analisar as seguintes questões: o rompimento da ordem policial e do silenciamento, tendo como base autores como Jacques Rancière (2010) e Grada Kilomba (2019), e a reconstrução de territórios possíveis para a comunidade preta e periférica, se apoiando nos estudos de Paola Leblanc e Lucas Vaz Amorim (2019), Vima Martin e André Bueno (2021).

DESENVOLVIMENTO

O filósofo Rancière (2010) utiliza o conceito “ordem policial” para identificar os atributos distribuídos na sociedade, que definem as normas básicas do que é ou não permitido a determinados grupos. Desse modo, define quem fala ou quem é silenciado, o que é significativo ou insignificante, os protagonistas e marginalizados, o que é possível ou impossível. Partindo dessa perspectiva, o trabalho propõe-se refletir, a partir das produções audiovisuais, a condição em que os pretos marginalizados, aqueles que vivem nas periferias, morros e favelas, estão sendo conduzidos na história.

Conforme demonstrado nos estudos de Grada Kilomba (2019), a máscara usada aos escravizados, impostas por senhores brancos, que impedia a alimentação e fala, é um modo de refletir atualmente a recriação do impedimento dos sujeitos negros de falarem na sociedade racista contemporânea. Dessa forma, compreende-se que a negritude vive sob uma ordem de silenciamento e, principalmente, da falta de escuta. A ordem policial define à negritude o lugar que pode ocupar, o que pode fazer e o que pode falar. Para Rancière (2010), a forma de

se desvencilhar das imposições da ordem policial é com o rompimento do sistema consensual, fazendo com que os sujeitos sejam percebidos e ouvidos.

Partindo da ideia construída por Kilomba (2019), os jovens negros periféricos são limitados à condição de “não escutados”, desse modo, eles são sujeitos que não pertencentes na sociedade racista. Com isso, têm suas narrativas ignoradas e excluídas no decorrer da história. A escrita e declamação da poesia marginal pode ser entendida como o rompimento do sistema consensual, em que jovens negros utilizam-se da arte para expressar os desafios da juventude, das diversas violências direcionadas pela polícia, de suas conquistas e afetos.

A poesia de MARVI enquadra-se no rompimento da ordem consensual, em que o sujeito, o poeta marginal, se opõe à condição estabelecida aos negros periféricos e utiliza a voz, por meio da arte, para expor as diversas facetas do racismo cotidiano. No primeiro momento do trecho da poesia escolhida, o poeta explicita a perseguição dos corpos negros, pela figura do “capitão”, em que há a “racialização do crime” (Davis, 2020) tornando os alvos; no seguinte momento a violência policial com a expressão “tudo para bater mim”; finaliza denunciando as mortes dos amigos, os jovens da periferia.

“Seguido pelo Capitão eu sou desde o meu nascimento, como se fosse fotógrafos me enquadram a todo o movimento. Todo de preto igual o Batman, tudo para bater em mim. [...] Vi amigos virarem estrela, e eu não falo de rockstar [...] Poesia de MARVI (Grito Filmes, 2022)”



Figura 1: Marvi recita poesia

Fonte: frame do vídeo “Literatura e poesia marginal com Marvi”, publicado por Grito Filmes no YouTube

Enquanto KRIKA, em sua poesia, inverte o papel e interpreta, a partir das palavras, a branquitude e, dessa forma, expõe o sistema racista. No trecho selecionado, a poeta declama a respeito da retirada de humanidade, de individualidade e da civilidade dos escravizados, negando todos os elementos que os constituíam. Além disso, explicita o aprisionamento, a falta de acesso à educação de qualidade e ao pensamento crítico, evidenciando a segregação na sociedade atual, na qual o sistema racista define aqueles que são merecedores da liberdade, dos direitos civis e do conhecimento. Tendo em vista que a instrução de povos marginalizados estremece a ordem deste sistema, dificultando a exploração, manipulação e violência.

“[...] A regra é clara, vamos fazer eles esquecerem quem são. Vamos tirar seu nome, cultura, família, terra, impor a nossa religião. [...] Enfim, escravidão por livre espontânea pressão. Lá na frente a gente finge que aboliu, sei lá, inventa. Faz ele se dedicarem só sobreviver, vão cair em vício e a gente joga na prisão. Nós? Vamos estar viajando pelo mundo, né? E, depois, vamos aparecer fingindo que juntamos um milhão. Na verdade, sucateamos a educação. E que informação o quê! Já pensou se esse neguinho sai por aí descobrindo que é uma diáspora e me chamando de assassino e ladrão?” Poesia de KRIKA (Grito Filmes, 2023)



Figura 2: Krika recita poesia

Fonte: frame do vídeo “Literatura e poesia marginal com Krika”, publicado por Grito Filmes no YouTube

Com bastante expressões corporais e faciais, WJ expõe a apropriação da história religiosa pelo povo branco, em que oculta a possibilidade desta ter referências a história dos negros. O poeta entende haver semelhanças históricas entre a narrativa bíblica e a subalternidade que a população preta foi condicionada. Com a escravidão de ambos os povos, a morte de Jesus e o julgamento dos locais dos quais as pessoas vieram, seja Nazaré ou espaços periféricos, a poesia trata de recuperar as narrativas contadas pela branquitude e impedir o apagamento delas.

“[...] O povo de Israel escravizado 400 anos no Egito. Isso te lembra alguma coisa, meu amigo? E o meu povo que é maldito. Jesus veio de um povo que o outro povo escravizou. Coincidentemente, isso lembra o que nós passou. Você já viu escravizarem branco? Quem te garante que a cor preta não era a cor de Adão? Vai ver Sansão era um negão com os dreds tocando no chão. Eu vi Davi rodar uma pedra igual nós roda um pião. Moisés rasgar o mar vermelho como eu rasgo tua ilusão. Pode alguma coisa boa vir de Nazaré? [...]” Poesia de WJ (Grito Filmes, 2023)”



Figura 3: WJ resita poesia

Fonte: frame do vídeo “Literatura e poesia marginal com O pior poeta do mundo”, publicado por Grito Filmes no YouTube

Portanto, quando os sujeitos pretos e periféricos, se fazem ser percebidos, ao escrever poesias e utilizar a arte como porta-voz de suas realidades, segundo Kilomba (2019) e Rancière (2010), os artistas provocam o rompimento com o sistema consensual imposto pela ordem policial e contribui para a suspensão do silenciamento colonial.

Corpos dissidentes e os espaços urbanos: a reconstrução dos territórios a partir da poesia marginal

Segundo Leblanc e Vaz Amorim (2019), o processo da territorialização das metrópoles construiu ao longo da história espaços de segregação e de concessão de privilégios a grupos dominantes. Estes que não pertencem ao que se configura como sujeito padrão/ universal, é classificado na categoria do “Outro”, sendo possível destacar o corpo preto e periférico presente nas obras selecionadas para a análise.

A mercantilização dos espaços urbanos, segundo Martin e Bueno (2021), contribui para a valorização de infraestrutura e serviços ofertados nestas localidades. Sendo que estes espaços supervalorizados são ocupados pela população privilegiada e que seguem a ordem dominante (branco, rico e heterossexual), os corpos autorizados. A partir dessa perspectiva, a população menos privilegiada, que sofre com a desigualdade de direitos à cidade e acesso aos serviços, reivindica estes espaços por meio da ocupação artística.

Sendo assim, os sujeitos periféricos se apropriam de espaços intermediários que, segundo Dias (2018), são espaços genéricos que não possuem uma função definitiva na cidade, que vão ser utilizados como locais potentes para a liberdade de expressão das comunidades. Desse modo, criam-se microterritórios a partir da presença de corpos dissidentes que utilizam a voz para compartilhar e reivindicar aspectos que atravessam o cotidiano desse grupo. Os corpos dissidentes, aqui representados por poetas negros e periféricos, desenvolvem mecanismos para reapropriar os espaços urbanos e ressignificá-los, criar espaços possíveis dentro dos campos de disputa. Com isso, “é a partir de brechas, becos, vielas, espaços vazios deixados pelos grupos dominantes que se incorpora a potência transformadora do território” (Leblanc; Vaz Amorim, 2019).

Quando os artistas MARVI, KRIKA e WJ se propõem recitar poesias nos espaços públicos do Rio de Janeiro, se apropriam de forma legítima dos territórios, que foram constituídos

historicamente pelas relações de poder. Desse modo, esses sujeitos intervêm nos territórios urbanos demarcados pela ordem policial, rompendo com o que foi estabelecido como norma e pela determinação de quais corpos podem ocupar e viver em tais localidades. Além disso, permite que a arte se potencialize e ecoe na cidade, democratizando o acesso à literatura, promovendo a possibilidade da realização artística e cultural das comunidades.

Os vídeos de MARVI e WJ se destacam ao se pensar nesta perspectiva já que estes foram possíveis de identificar onde foram gravados, o primeiro tendo como cenário a Praça Floriano e o segundo a Praça da Candelária. Ambos os vídeos têm em comum o espaço urbano do Centro do Rio de Janeiro e o cercamento de por construções históricas como Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Câmara Municipal do Rio de Janeiro e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária. Desse modo, os espaços urbanos presentes nos grandes centros da cidade são apossados pela população dominante, condenando aqueles que fogem a estes aspectos, à marginalidade e aos espaços de favelas e bairros periféricos. E a chegada de jovens nesse espaço contribui para a desestabilização da ordem policial que organiza a cidade.

Ao se posicionarem nos territórios marcados pelo poder e segregação, Marvi e WJ se autoafirmam como também detentores da liberdade de ocupação desses espaços. Dessa forma, a poesia ultrapassa as barreiras elitistas, conquista os moradores de favelas e, logo depois, supera os territórios periféricos, tomando os grandes centros com as narrativas marginais, os posicionamentos políticos e denúncias desse grupo. A literatura “toma” as cidades e revela que “na periferia existe memória, identidade, mensagem a ser transmitida e riqueza poética.” (Porto, 2012, p. 60).



Figura 4: Marvi resita poesia em frente aos prédios do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e na Câmara Municipal do Rio de Janeiro

Fonte: frame do vídeo “Literatura e poesia marginal com Marvi”, publicado por Grito Filmes no YouTube



Figura 5: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro

Fonte: frame do vídeo “Literatura e poesia marginal com O pior poeta do mundo”, publicado por Grito Filmes no YouTube

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível entender dimensão política e social quando jovens periféricos se impõem por meio da arte nos territórios marcados pelo sistema dominante na história. Os poetas reorganizam os grandes centros com as apresentações de versos potentes em que evidenciam os posicionamentos, as dores e afetos da periferia. Na tentativa de se opor à relação de poder que é estabelecida neste território, criam possibilidades de existência e de usufruir desses espaços. Neste sentido, Martin e Bueno (2021) em seus estudos diz que:

“O direito de ocupar e se apropriar da praça e fazer dela um espaço de convivência, diálogo, poesia e luta contra a exclusão social, o racismo e a desigualdade de gênero. Enfim, o direito à cidade enquanto espaço coletivo de vivências literárias e resistência política, social e cultural.”
[Martin;Bueno, 2021, p.65]

Desse modo, a linguagem, por meio da literatura marginal, se apresenta como um instrumento de resistência, afirmação de minorias e transformação política, como apontado por Porto (2012). Denunciando o sistema racista e as violências do cotidiano que a população preta e marginalizada sofre na sociedade contemporânea, Marvi KRIKA e WJ utilizam-se das potencialidades dos versos poéticos, a ocupação dos territórios e também dos meios digitais para impulsionar estes discursos.

Portanto, a apropriação dos territórios urbanos como atitudes potentes para estremecer a ordem policial, condição de subalternidade e silenciamento. Quando os artistas Marvi, KRIKA e WJ se apresentam nesses vídeos com poesias com cunho político social em territórios do Centro do Rio de Janeiro, envoltos de prédios históricos, se impõem como

sujeitos que também devem usufruir desses espaços e ultrapassam o limite imposto à população periférica. Os poetas, dentro de suas possibilidades, lutam para (re)criar um território habitável para si (Stoffels, 2021, p.9).

REFERÊNCIAS

D'ALVA, Roberta Estrela (2011). **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DIAS, Raíssa A. **A Manifestação no Espaço Urbano pela Arte Performática**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Arquiteta Urbanista Mestranda em Arquitetura pelo PPGAU/FAU – Mackenzie ou PPGAU/UPM Stricto Sensu; Orientador Igor Guatelli. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127090001.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

GONÇALVES, Rôssi; NERCOLINI, Marildo. **A cultura urbana periférica: silenciamentos e táticas**. SOLETRAS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, ed. 36, p. 34-50, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/34425>. Acesso em: 3 set. 2023.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C.; UEDA, V. (Org). A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas/Porto Alegre: Editora ULBRA/Editora UFRGS, 2008. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LEBLANC, Paola Barreto; VAZ AMORIM, Lucas Brasil. **Corpos dissidentes afro-diaspóricos e suas poéticas contemporâneas no espaço urbano**. Revista Prumo, [S.l.], v. 4, n. 7, oct. 2019. ISSN 2446-7340. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/1130>>. Acesso em: 28 nov. 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.24168/revistaprumo.v4i7.1130>.

MARTIN, V. L. de R.; BUENO, A. de G. **Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam da Guilhermina e do Slam Resistência**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v.

31, n. 4, p. 51–71, 2021. DOI: 10.35699/2317-2096.2021.33516. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/33516>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PORTO, Gisele Poletto. **Poéticas periféricas: outras centralidades?**. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 34, n. 53, p. 57-68, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 nov. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **Nossa ordem policial: O que pode ser dito, visto e feito**. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 081–090, 2010. DOI: 10.5965/1414573102152010081. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102152010081>. Acesso em: 15 nov. 2023.

STOFFELS, L. . **Territorialidades Artivistas: O Videoclipe Como Estratégia de Apropriação do Espaço Urbano**. 2021. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-cu/leandro-stoffels.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Vídeos

MARVI. Dir: Ian Miranda. 2022, 1 min e 34 seg. Disponível em <<https://youtu.be/PHHkdfz2ScQ?si=CQxXJNW0e4RIX9Wo>>. Acesso em 11 de novembro de 2023.

KRIKA, Dir: Ian Miranda. 2023, 1 min e 50 seg. Disponível em <<https://youtu.be/jyu3G4r1mZY?si=uyWQDW2fsU8R80Uy>>. Acesso em 11 de novembro de 2023.

WJ, Dir: Ian Miranda. 2023, 5 min e 12 seg. Disponível em <<https://youtu.be/86N0KQi0B9o?si=IbEV7-hlMS2RBuH2>>. Acesso em 11 de novembro de 2023.